

Em torno do utópico na prática curatorial: a exposição *Faça vc mesm_*.

Pollyana Quintella¹

Faça vc mesm_ (um guia de leitura - 1/20)

A MESA - Rua do Jogo da Bola, 119, Morro da Conceição, Saúde, Rio de Janeiro

De 28 de Abril a 02 de Junho de 2018

Subindo o Morro da Conceição, bairro antigo e tradicional da conhecida *Pequena África* do Rio de Janeiro, está A MESA, espaço autônomo de arte que desde 2015 vem promovendo atividades que relacionam artes visuais e poesia, através de exposições coletivas organizadas por curadores jovens e mais experientes, além de performances, apresentações de pesquisas acadêmicas, debates e festejos populares.

Em abril deste ano, o curador e professor Alexandre Sá ocupou o espaço com a exposição *Faça vc mesm_ (um guia de leitura - 1/20)*, reunindo mais de 100 artistas, críticos de arte, curadores, pensadores, poetas, entre outras denominações, com um projeto que buscou explorar a ideia de uma curadoria utópica e experimental.

Cada um dos participantes foi convidado a pensar um projeto de exposição que se apresentasse no formato de uma folha de papel A4. O que estava em jogo era pensar o modo expositivo em si, para além da realização dos projetos recebidos. N'A MESA, as mais de 100 folhas de papel foram expostas em sequência linear durante um mês. Em meio a isso, uma parceria com a Escola sem Sítio, um programa de cursos e ações culturais coordenado por Tania Queiroz, realizava encontros semanais, reunindo profissionais para discutir os temas suscitados pela

¹Pollyana Quintella é curadora assistente do Museu de Arte do Rio, pesquisadora independente e colunista da Revista Pessoa. Formou-se em História da Arte pela UFRJ e é mestre em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ, com pesquisa sobre Mário Pedrosa. Atuou como pesquisadora na Casa França-Brasil, coeditora da revista USINA e colunista do jornal Agulha. Curou exposições em instituições e espaços independentes no Rio e em São Paulo.



exposição. Ao final, todos os projetos foram queimados em praça pública, em frente a casa que acolheu a exposição.

O exercício de Alexandre, no entanto, não é uma prática isolada no mundo das exposições. Há algumas experiências nesse sentido e poderíamos aqui rememorar alguns exemplos icônicos. Hans Ulrich Obrist realizou a exposição *Do It*, convidando 12 artistas, em 1993, em Paris, a enviar instruções de trabalhos que foram traduzidas para nove idiomas diferentes, e circularam internacionalmente no formato de livro. Daí em diante, ela foi apresentada em mais de 50 locais diferentes ao redor do mundo. Obrist estava interessado no grau de mudança que a interpretação de uma instrução pode causar, gerando várias versões de uma mesma obra sempre em aberto. O curador suíço, no entanto, representa o fenômeno de curadoria global e internacional, cuja experimentação vem aliada à uma forte rede de negociações duvidosas com estruturas de poder, situação radicalmente distinta do modo como espaços autônomos da cidade do Rio, por exemplo, atuam (o desafio é como fazer tais espaços sobreviver).

Mesmo a prática de Obrist não foi inaugural, e nos remete a experiências ainda anteriores, como a arte conceitual e os exercícios do Fluxus, nas décadas de 1960 e 1970. Seth Siegelaub, galerista americano, já nos anos 1960 começou a explorar o meio expositivo para além do espaço físico, através de livros e publicações, invertendo a lógica do catálogo como gesto posterior que apresenta secundariamente a obra. A obra assumia seu potencial de ideia, circulação, lugar caro ao conceitualismo. Em *Xerox Book*, de 1968, Seth convidou Carl Andre, Robert Barry, Douglas Huebler, Joseph Kosuth, Sol LeWitt, Robert Morris e Lawrence Weiner a produzir um trabalho que ocupasse 25 páginas e que fosse reproduzível por fotocópias. Embora a xerox tenha se mostrado financeiramente inviável - as obras acabaram reproduzidas por uma impressora convencional - o livro manteve seu nome e se tornou um marco para a discussão.

Lucy Lippard, na sequência, publicaria o *Six years: the dematerialization of art objects* investigando uma série de trabalhos que dispensam a solução formal e material como resultado final, com ênfase na performance e na arte conceitual,



abrindo margem para experimentações curatoriais. Suas “suitcase shows” ou “numbers exhibitions” eram exposições feitas com trabalhos facilmente transportáveis de um país para outro pelos próprios artistas, apenas com suas passagens aéreas, devido ao baixo orçamento e à falta de recursos. Além disso, muitas obras consistiam em instruções fornecidas pelos artistas em cartões padronizados, uma vez que estavam frequentemente ausentes durante a montagem. O catálogo das exposições era um conjunto de cartões desenhados e escritos pelos artistas, que iam sendo trocados e alterados na medida que as exposições mudavam de lugar.

Mas nem tudo seria só quebra de paradigma. Na época, Lippard foi acusada por Peter Plagens, em texto na ArtForum, por convocar para si o gesto de artista. Quando a curadoria passou a ser vista como meio em si, suas relações de poder também ficaram mais evidentes - e questionáveis. Algo que *Faça vc mesm_* também tensiona ao convocar perfis distintos de pessoas para a ação, questionando algumas hierarquias e enobrecimentos do campo da curadoria.

Difícil também não mencionar alguém muito anterior a isso, o inescapável Duchamp que experimentou precocemente modos de exhibir e organizar obras. Na exposição anual da Sociedade dos Artistas Independentes, em 1917, o artista sorteou a letra R para organizar a ordem dos artistas participantes. Ignorando a ordem alfabética, Duchamp já indicava a presença de um gesto autoral na curadoria, revelando suas arbitrariedades e interpretações subjetivas. Anos depois, Duchamp ainda construiu a famosa *boite-en-valise*, a caixa-maleta, em 1941, reunindo nela 69 reproduções em miniatura de sua obra, entre 1910 e 1937, também confundindo os limites entre arte e curadoria.

Em todos esses casos, a experimentação aparece em busca de uma autonomia institucional, de uma circulação mais livre e desimpedida da experiência da arte e de métodos que burlem obstáculos financeiros, burocracias. A exposição vai assumindo seu caráter performativo e o curador, com um gesto ainda mais demarcado de autor, vai se confundindo com o artista.



O espaço entre proposição e realização, no entanto, se revela alargado. Muitos dos resultados vistos em *Faça vc mesm_ (um guia de leitura - 1/20)* não apresentavam propriamente um projeto de exposição, mas especulavam sobre o espaço expositivo, faziam provocações e, em alguns casos, apresentavam seus trabalhos artísticos no formato definido pelo curador. Essa ampla gama de interpretação se apresentou no próprio convite de Alexandre, que dizia que, no espaço da folha

toda e qualquer informação é possível: texto, imagem, fotografia, poema, desenho, citações, lista de artistas, plantas de arquitetura, desenho expográfico e tudo o que for do interesse do convidado. A única exigência é que o trabalho seja assinado para que o público reconheça a autoria.

A ideia de que se constitui uma exposição não se define. Exposição tanto pode ser um projeto, algo pensado em torno de um conceito, agrupamento ou pesquisa norteadora, quanto demonstração ou revelação de algo. Num momento de precoce profissionalização do meio artístico, com curadores jovens assumindo dicções e vícios de um circuito duvidoso, a experiência de *Faça você mesm_* relembra o frescor experimental que o exercício curatorial pode ter. Muito longe da especialização, ela se assume como um campo em aberto.

